

História Antiga: Relações Interdisciplinares.

Fontes, Artes, Filosofia,
Política, Religião e Recepção

Carmen Soares, José Luís Brandão &
Pedro C. Carvalho (coords.)

O MITO COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZADO ÉTICO

(Myth as a learning tool ethical)

ILMAR DE OLIVEIRA ALMEIDA (ilmaralmeidaa@gmail.com)
Universidade Federal do Maranhão. Departamento de Filosofia.

RESUMO - O texto trata de uma postura que aponta algumas falhas da racionalidade ilustrada, mormente no que diz respeito à sua tentativa de dar conta da realidade como um todo, e apresenta um outro tipo de racionalidade: aquela presente nas narrativas míticas. A defesa da pertinência desse tipo de racionalidade obedecerá, neste trabalho, um trajeto, que a partir de Giambattista Vico e do Romantismo irá tangenciar Gadamer e, especificamente, fundamentar-se no pensamento do filósofo francês Paul Ricoeur. Este, por intermédio do mito, descortinou o acesso às questões práticas do cotidiano humano, que lida não somente com a exatidão, mas também com os sentimentos, com o sofrimento e com o desejo esperançoso de uma vida feliz. Tendo sua base filosófica estabelecida, o texto avança em seguida para uma apresentação e análise da validade pedagógica do mito na obra 'Filoctetes', de Sófocles.

PALAVRAS-CHAVE - racionalidade ilustrada; narrativas míticas; Filoctetes

ABSTRACT - The text is a posture that points out some flaws illustrated rationality, especially with regard to its intention to give an account of reality as a whole, and presents another type of rationality: the one present in the mythical narratives. The defense of the relevance of this type of rationality will follow in this work, a path that from Giambattista Vico and Romanticism will tangent Gadamer and, specifically, be based on the thought of the French philosopher Paul Ricoeur. This, through the myth, access to practical issues of human daily life, dealing not only with accuracy but also with the feelings, the suffering and the hopeful desire for a happy life. Having established its philosophical basis, the text then goes to a presentation and analysis of the pedagogical validity of the myth in the work 'Philoctetes' of Sophocles.

KEYWORDS - illustrated rationality; mythical narratives; Philoctetes

1. INTRODUÇÃO

No mundo ocidental movimentos culturais como a Revolução Científica e principalmente o Iluminismo, forjaram uma racionalidade que subsumiu toda a existência humana, ou seja, a partir de então a declaração autoritativa de algo

como verdadeiro passou a depender do crivo da razão operatória. No centro está o homem. Ele, igualmente como dizia Protágoras: “... é a medida de todas as coisas”. Essa forma de ver o mundo somente confere status de verdade àquilo que pode ser estudado, analisado e dominado, segundo critérios de observação, experimentação e cálculo. O resultado tem sido o domínio da natureza, o avanço científico, o desenvolvimento tecnológico, a produção de riquezas, enfim a redenção moderna chamada Progresso e Bem-Estar Social.

Ora, esta é apenas uma face da realidade. Juntamente com o Progresso vieram atreladas algumas coisas indesejáveis, tanto no plano da natureza, quanto no social. Naquele enfrentamos hoje inúmeros problemas vinculados à destruição do meio ambiente, modificações climáticas, poluição do ar e da água. O entusiasmo da descoberta científica, o usufruto de sua aplicação na vida cotidiana e, sobretudo, o capital e o poder político resultante cegaram o bom senso humano quanto à percepção de possíveis consequências nefastas de tudo isso.

A tomada de consciência deu-se paulatinamente, a partir do plano social. Quanto a esse aspecto, o filósofo judeu-alemão Walter Benjamin, no seu texto ‘O Narrador’, fornece algum indicativo. Ele informa que “os soldados voltavam calados dos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial”¹. Esse silêncio, que o filósofo interpreta como a perda da capacidade de narrar, certamente acentava como um sinal da crise ética que, naquela altura, já devorava as entranhas da civilização ocidental.

A Segunda Guerra Mundial clarificou a inequívoca constatação de que todos os horrores atuantes no passado continuavam bem presentes, à espreita, prontos para, de forma bem atualizada pela ciência e tecnologia, agirem. O mal, agora com os refinamentos do resultado do trabalho da razão instrumental, voltara a atuar em grande escala. Uma pergunta, decerto, deve ter perpassado muitas mentes à época: ‘Como, dispendo de tanto progresso sob os auspícios da razão iluminada, ainda praticamos as mesmas barbáries pertencentes a um tempo passado, ignorante e obscuro? Muitas respostas tem sido apresentadas e, uma delas, cuja trilha segue este trabalho, traz uma via que promove uma mudança significativa de cosmovisão.

Trata-se de uma postura que enxerga os acertos e os erros da racionalidade ilustrada e a complementa com outro tipo de racionalidade: a racionalidade narrativa presente nos mitos. A defesa da pertinência dessa cosmovisão obedecerá, neste trabalho, um trajeto, que a partir de Giambattista Vico e do Romantismo irá tangenciar Gadamer e, especificamente, fundamentar-se no pensamento do filósofo francês Paul Ricoeur. Em seguida será apresentada uma exemplificação e análise da validade pedagógica do mito na obra ‘Filoctetes’, de Sófocles.

¹ Benjamin 2012: 142.

2. O RESGATE DA RACIONALIDADE MÍTICA

O século XVIII foi o século do Iluminismo. Esse movimento cultural foi o golpe final em uma concepção de mundo que considerasse relevante, aspectos da realidade cujas características extrapolassem determinados critérios de verificabilidade, tais como: medir, pesar, observar, calcular e experimentar. Nessa altura o método científico abocanhava toda a existência, embasado no cartesianismo. Porém alguma resistência foi justaposta no sentido de defender intelectualmente a abordagem àqueles setores da vida, os quais não se enquadravam nos moldes do cientificismo. Embora tenha sido como que ‘uma voz que clama no deserto’, essa semente vicejou, de maneira que não se pode estudar o resgate desse outro tipo de racionalidade, a qual leva em consideração o mito, sem averiguar o trabalho do pensador napolitano Giambattista Vico (1668-1744). Este, através da sua obra, *Principi di scienza nuova*, lançada em 1730, discorreu sobre as maneiras para lidar cientificamente com aquelas apresentações da realidade humana que se encontravam para mais além do círculo envolvente da compreensão da racionalidade científica. Ao confrontar o cartesianismo tornou-se o precursor do debate atual entre mito e razão ilustrada. Um dos pontos destacados por esse filósofo foi a análise e a interpretação da consciência mítica.

“Vico não deprecia os mitos como narrativas imaginárias e gratuitas, senão que está convencido de que contribuem para os fundamentos iniciais da inteligibilidade imanente das culturas, já que tem contribuído de forma decisiva ao desenvolvimento dos povos e indivíduos. A conclusão que parece depreender-se dos arrazoados de Vico é que os mitos podem ser compreensíveis porque são, no sentido mais amplo do termo, criações humanas, que mostram um estado de consciência, que tem sido superado no transcurso posterior da história da humanidade, porém de nenhuma maneira meramente suprimida...Vico atribui às narrativas míticas um alto grau de verdade histórica”²

Ponto crucial na exposição do filósofo napolitano e que veio posteriormente a ser destacado por Gadamer é precisamente o fato das narrativas míticas serem criações humanas. Por isso, assevera o pensador alemão em plena concordância àquele: é possível compreender-se os mitos.

Ora, o destaque da origem humana da mitologia conduz a outro aspecto do pensamento de Vico, cuja importância também é notória. Trata-se de “... seu firme convencimento da unidade fundamental da natureza humana. Esta unidade profunda permite discernir fenômenos e comportamentos análogos em todas as religiões, culturas e sistemas sociais conhecidos em seu tempo”³. Isto significa que não há diferença que seja essencial entre os seres humanos em todas as épo-

² Duch 1998: 124, 122.

³ Idem, 125.

cas. São válidas, portanto, as experiências do passado para conceder sabedoria para o presente e o futuro, como é o caso do mito.

Em seguida, o Romantismo, com sua marcante busca pela interioridade, tornou-se também importante opositor da Ilustração e seu pragmatismo. Com ele houve renovada valorização das narrativas populares abrindo espaço para a interpretação simbolista dos mitos. Sua intenção era alcançar as incomensuráveis regiões do infinito. Como resultado os aspectos abstratos e misteriosos do ser humano receberam especial atenção e o termo ‘romântico’ passou a ser associado à nostalgia, à magia e ainda a êxtases de alma.

Para os pensadores românticos o retorno ao mito iria liberar o sentimento e a imaginação que haviam sido reprimidos pela reflexão filosófica baseada na quantificação e na verificação. Segundo essa via o homem chegaria a compreender e a desfrutar sua essência espiritual. O mito, considerado de maneira exclusivamente poética, constituiu-se o centro do saber romântico. Fr. Schlegel em seu *Discurso sobre La mitologia* escreveu:

“O fundamento de toda arte e toda poesia é a mitologia...O essencial da mitologia...encontra-se na apreensão viva da natureza, que é o princípio comum do conjunto de todos estes signos. É a ciência que nos conduz à intuição viva da natureza, desde o momento que tem alcançado a justa profundidade espiritual e a fonte da revelação interior”⁴

Um pouco mais adiante, o próprio Duch escreve: “A mitologia [...] é a expressão ótima da totalidade, do *complexio oppositorum* que, em princípio, é inexpressável, intangível, inefável, mas que nada obstante devemos balbuciar, intuir, e, finalmente, expressar”⁵.

Por regra geral, os românticos associaram diretamente *Mito e Sabedoria*. Era preciso estudar o mito porque era a voz majestosa de um tempo original, mais sábio e mais criativo. Os filósofos, diferentemente de Aristóteles e seus seguidores, deveriam ser seus hermenutas e traduzir sua verdade em linguagem mais simples.

O Romantismo foi um retorno de Dionisos e estabeleceu-se desde o início como adversário da Ilustração. Hans-Georg Gadamer em sua obra ‘Verdade e Método’ manifesta essa oposição através das seguintes palavras:

“...para fazer frente à crença ilustrada na perfeição, a qual sonha com a libertação de toda ‘superstição’ e de qualquer prejuízo do passado, o Romantismo outorga uma preferência de verdade aos primeiros tempos, ao mundo mítico,

⁴ Schlegel apud Duch 1998: 128.

⁵ Ibidem.

à vida não analisada nem quebrada pela consciência⁶

Por causa da inversão feita pelo Romantismo, no Ocidente, trava-se uma batalha entre mito e razão. Esta posição tornou-se tão destacada, a tal ponto de, juntamente com a ideia de Progresso, tornar-se um dos polos do pensamento moderno.

O Romantismo foi um amplo movimento nascido na Alemanha, que se espalhou por toda Europa e Estados Unidos a partir do final do século XVIII, com diferenças marcantes em cada país onde se fixou. Em sua preferência pela interioridade, pelo imponderável e pela obscuridade vai optar majoritariamente pelo mundo oriental como fonte de seu ideal. A chave da Ilustração, segundo a qual se deviam reduzir todos os aspectos da existência humana a princípios totalizantes e simples, foi substituída por uma compreensão empática da realidade, que destacava termos como 'visão', 'emoção' e 'religião', os quais foram profundamente empregados pelos autores românticos para alcançar a realidade última das coisas e do ser humano em si.

Este movimento que teve no seu nascedouro autores como Goethe, Hölderlin, Lessing e Schlegel, volta a impactar o mundo antes e depois da segunda guerra mundial, agora sob o cognome de 'Neorromantismo'. Sua influência faz-se sentir nos estudos religiosos e antropológicos e o enfoque no mito permanece com destaque. Este movimento está misturado à maioria dos aspectos do que se chama de atual cultura pós-moderna e mantém, como no passado, significativos protestos contra os resultados obtidos pela racionalidade de origem ilustrada.

Entretanto, na altura em que Vico e o Romantismo apresentaram sua crítica a uma cosmovisão que olhava para a realidade apenas pela perspectiva do referencial do intelecto, sua palavra era como uma profecia falsa e soava anacrônica. Posto que, diante dos primeiros passos da razão ilustrada havia um otimismo exacerbado mesmo que os resultados de sua aplicação na existência ainda não tivessem aparecido em toda a sua extensão. A história iria comprovar suas colocações, na medida em que, como hoje se observa, uma crise ética de grande intensidade acontecesse. Surgiria então a necessidade da apresentação de uma justificativa intelectual consistente para outro tipo de racionalidade diante da falência da razão ilustrada, pois a mesma mostrava-se incapaz de dar conta da realidade como um todo. Essa tarefa foi abraçada pelo filósofo francês Paul Ricoeur, o qual propôs em sua obra, 'A simbólica do mal', uma nova racionalidade para compreensão do homem concreto que tem por base *o mito*. Este, para ele, apresenta verdades primeiras cuja função seria conceder estrutura para uma compreensão total do homem. Ora, trata-se aqui de realidades imponderáveis, que por natureza escapam do arrazoado cartesiano, mas que são expressas pela linguagem do mito. São narrativas que contam do sofrimento humano, por

⁶ Gadamer 1997: 131.

exemplo, e que carregam em si elementos plenamente subjetivos, no entanto reais. O caso é que a vida prática, com toda sua gama de detalhes e desdobramentos muitas das vezes imprevisíveis, escapa facilmente, ou melhor, nunca se deixou dominar pela razão instrumental. Ou seja, diante de realidades como o amor e suas promessas, ou a esperança e sua alegria, claramente se percebe a inutilidade do cálculo. Logo, a ação daí decorrente pauta-se por uma verdade, uma ética que não pode ser trabalhada pela razão instrumental. Necessita-se de um outro tipo de racionalidade que interprete adequadamente essa esfera da vida real. A chave hermenêutica tomada pelo filósofo foi o símbolo. Por sua via Ricoeur encontrou a ferramenta para alcançar a vida prática. Antes, porém, de observar-se a forma como isso se deu em seu pensamento, é necessário entender sua noção de símbolo. Este para ele corresponde a um significado, cujo conteúdo é expresso pela linguagem. Esta guarda a possibilidade de ser literal, ou ainda, de apontar para outro aspecto da realidade com o qual o símbolo tem alguma correlação. Ricoeur diz que o símbolo está presente

“quando a linguagem produz signos de grau composto, cujo sentido para além de designar uma coisa, designa outro sentido que não poderá ser alcançado senão por meio da visada do primeiro [...]. Direi que há símbolo quando a expressão linguística se presta, pelo seu duplo sentido ou pelos seus sentidos múltiplos a um trabalho de interpretação”⁷

É preciso lembrar também que o símbolo em Ricoeur não é caracterizado pelo formalismo abstrato, como na Matemática ou na Lógica. Pelo contrário, há um vínculo íntimo e profundo entre as duas partes, e, de tal modo é esse relacionamento que nada mais nada menos que a própria verdade pode, por seu intermédio, ser demonstrada. Por isso ele afirma ainda:

“Aposto que compreenderei melhor o homem, se sigo a indicação do pensamento simbólico. Esta aposta transforma-se na tarefa de verificar a minha própria aposta preenchendo-a de inteligibilidade; por sua vez esta tarefa transforma a minha aposta apostando na significação do mundo simbólico, confio ao mesmo tempo no fato de a minha aposta se transformar em poder de reflexão no elemento do discurso”⁸

O conceito de símbolo, portanto, configura o fundamento da hermenêutica ricoeuriana do mito. Ele vai utilizar-se do símbolo para estabelecer de maneira clara e firme um novo sistema de pensamento que levará em consideração as narrativas míticas. Para que se progrida na compreensão de sua proposta faz-se

⁷ Ricoeur 1983: 37.

⁸ Idem, *ibidem*.

necessário esclarecer a relação, segundo Ricoeur, entre símbolo e mito. De um lado pode-se identificar o símbolo com uma forma de lidar com o mito que exclui a alegorização. O símbolo designaria a metodologia. Por outro lado, Ricoeur também considera o mito uma espécie de símbolo. O mito é um símbolo desenvolvido em forma de relato. Para exemplificar, Ricoeur toma a expulsão de Adão e Eva do paraíso e, através desse episódio mostra também a alienação de toda a humanidade. O seu raciocínio é o seguinte: o desterro é um símbolo primário e não é um mito. Ele é verificável no plano da linguagem. No entanto, quando um acontecimento histórico, igual ao citado, é considerado e por analogia passa a representar o desterro da própria humanidade, temos um mito e ao mesmo tempo um símbolo.

Ora, a intenção de Ricoeur era dar conta daquilo que a racionalidade instrumental deixara de lado através de sua desvalorização do mito, isto é, a vida prática. E como já foi possível perceber, para ele,

“... o símbolo é a linguagem mais originária do homem concreto, na raiz do mito está o símbolo, o mito é já uma forma de símbolo desenvolvido sob a forma de narrativa e articulado num tempo e num espaço não semelhantes aos propostos pela geografia de acordo com o método crítico. [...]. No mito todo símbolo toma a forma narrativa de um drama [...]. Quando o símbolo remete para acontecimentos ou para uma sucessão temporal, pertence-lhe a explicitação narrativa do seu conteúdo. Daí que a forma narrativa não seja nem secundária, nem acidental, mas primitiva e essencial”⁹

Em sua busca por uma racionalidade capaz de abarcar a vida real, Ricoeur, depois de escolher sua chave interpretativa, o símbolo, estabelece o modelo de inteligibilidade adequado para alcançar seu intento, a narrativa; também distingue o tipo ou gênero de narrativa apropriado para esse fim, a tragédia. Esses avanços podem ser verificados na sua obra *Temps et récit*, a partir do estudo da Poética de Aristóteles. O filósofo descobre que o fio condutor da Poética é a *mimesis praxeos*, isto é, a imitação da ação humana por meio de um *mythos*. E a conclusão a que chega é que esta, somente poderia ser alcançada no *mito*, pois é por seu intermédio que a tragédia traz a lume a ação humana. A tragédia não realiza essa tarefa por categorias conceituais, mas pela disposição sequencial de fatos e peripécias. Assim ela apresenta a vida condensada numa história plena de sentido e inteligência. Então acontece, para o leitor ou o espectador, uma espécie de espelho, no qual o mesmo ou se vê, ou vê a imagem de episódios já vivenciados e a vivenciar. A dimensão cronológica do tempo se funde à dimensão temporal da narrativa. A força dessa experiência é tamanha, porque envolve todo o ser do homem. Sua memória fica indelevelmente marcada. Virtudes podem ser

⁹ Portocarrero 2005: 38, 39.

altamente destacadas e ensinadas de modo a não poderem jamais ser esquecidas, pois,

“... por meio da correlação que a narrativa estabelece entre ação, personagens e ideal de uma vida feliz, e ainda pelo tratamento narrativo do personagem, através da série de peripécias que o conduzem à felicidade ou infelicidade que cada pessoa encontra modelos e metáforas da sua identidade ética. O mito exprime uma forma de compreensão que pode ser nomeada de compreensão narrativa e que está muito mais próxima da sabedoria prática e da formação do juízo moral do que do uso teórico da razão”¹⁰

Ricoeur, por sua obra referente ao resgate da racionalidade poética do *mito*, evidencia uma possibilidade de se remediar a crise ética na qual se acha inserido o mundo ocidental. É que a formação do homem, isto é, a tarefa pedagógica orientada tão somente pela razão iluminista tem deixado a desejar. Ela, com suas categorias de conceito e número, não consegue dar conta da ação humana; de compreendê-la, de orientá-la, de inspirá-la... O filósofo não procura aniquilar esse modelo racional, porém delimita suas fronteiras, quando oferece a exposição intelectual de outro tipo de racionalidade, cujas categorias como o mito, o símbolo e a narrativa permitem o acesso à uma formação, diga-se, mais condizente com o ser humano. Exemplificar essa proposta será o próximo passo deste texto.

3. A PEDAGOGIA DO FILOCTETES

A tragédia *Filoctetes* é uma das poucas cuja data se conhece com precisão. Foi apresentada pela primeira vez em 409 a.C., nas Dionísias Urbanas de Atenas, quando Sófocles tinha cerca de 87 anos, e ganhou o primeiro prêmio. Note-se que nessa peça Sófocles recorreu ao *deus ex machina*, recurso frequentemente utilizado por seu “rival” Eurípides, e que *Filoctetes* é a única das tragédias gregas conhecidas sem personagens femininos.

Filoctetes é um herói grego originário da Tessália, filho de Peante e de Demonassa. Existem algumas versões do mito. Na primeira delas foram-lhe confiados o arco e as flechas de Hércules. Chefiava um contingente de sete naus com cinquenta arqueiros, mas não chegou a Tróia com os outros chefes, pois durante a escala em Tênedo, foi mordido no pé por uma serpente, enquanto procedia a um sacrifício. A ferida infectou de tal modo que exalava um odor de putrefação insuportável. Devido a isso, Ulisses e os outros chefes abandonaram o ferido em Lemnos, onde permaneceu dez anos.

A segunda contava que Filoctetes fora ferido não por um animal, mas por uma flecha de Hércules envenenada que caíra da aljava, atingindo, acidentalmente, o pé do herói, como vingança de Hércules, que quis desse modo punir

¹⁰ Idem, p.42.

o perjúrio cometido por Filoctetes ao revelar o local onde ardera a pira erguida no Eta.

Ainda uma terceira versão, diz que os gregos abandonaram Filoctetes na ilha para que ele curasse o ferimento, pois existia em Lemnos um culto de Hefesto cujos sacerdotes tinham fama de saber tratar mordeduras de serpente. O herói ter-se-ia curado, chegando algum tempo depois a Tróia, para se reunir ao exército grego.

Sófocles, na sua peça, admite como hipótese que Filoctetes chefiou um dos contingentes tessalianos que participaram da Guerra de Tróia, o da Magnésia. Arqueiro excelente, consta que era o detentor do arco e das flechas de Hércules, morto há apenas uma geração.

A versão mais aceita do mito conta que durante a viagem de ida Filoctetes foi picado por uma serpente d'água, e o doloroso ferimento no pé arrancava-lhe gritos lancinantes. Incomodados com o terrível cheiro que exalava da ferida e com as constantes queixas de Filoctetes, os aqueus abandonaram-no na ilha de Lemnos.

Dez anos depois, entretanto, diante da profecia de que o arco e as flechas de Hércules conquistariam Tróia, os aqueus enviaram Ulisses e Neoptólemo para buscar Filoctetes, e a ferida foi curada pelo herói-médico Macaon, filho de Asclépio. Filoctetes foi um dos poucos heróis que retornaram sem problemas após a queda de Tróia.

Os personagens que figuram no drama são: Ulisses, Rei de Ítaca; o mais astucioso dos heróis gregos; Neoptólemo, jovem filho de Aquiles, neto de Peleu e Tétis; Coro, marinheiros do navio de Neoptólemo; Filoctetes, filho de Peante, um dos *argonautas*, ex-chefe dos guerreiros da Magnésia que estavam em Tróia; Mercador, um dos companheiros de Odisseu, disfarçado e Hércules, Filho de Zeus e de Alcmena, herói divinizado, deus *ex machina*.

A cena se passa na ilha de Lemnos, no Egeu Setentrional, diante de uma gruta com duas entradas. Filoctetes é o personagem principal, o protagonista; o deuteragonista, o de Neoptólemo; e o tritagonista, o de Ulisses, do falso Mercador e de Hércules. Os acontecimentos datam de pouco antes do fim da cidadela de Tróia, quando Lemnos era, segundo o poeta, desabitada.

Ao desembarcarem na ilha, Ulisses explica ao jovem e inexperiente Neoptólemo que ele deve se aproximar de Filoctetes para se apoderar do arco e das flechas, pois não é benquisto pelo herói abandonado. Neoptólemo, a princípio relutante, concorda com a ação contrária ao seu temperamento (Cena 1).

O coro e Neoptólemo examinam a caverna que abriga Filoctetes e lamentam sua sorte, sozinho e doente na ilha há longos anos. O coro ouve os gritos de Filoctetes nas proximidades (Cena 2). Neoptólemo se apresenta, e Filoctetes relata sua história; Neoptólemo finge estar retornando de Tróia após se indispor com os átridas e Ulisses.

A gruta onde Filoctetes viveu durante dez anos foi a única testemunha do sofrimento e da solidão deste herói. Esta gruta é caracterizada por Neoptólemo e pelo nosso herói.

Neoptólemo caracteriza o lugar habitado pelo triste herói como tendo *só as folhas secas em que ele se deita. Uma tigela de madeira, coisa tosca... os farrapos dele, secando ao sol.* (Cena 1).

Filoctetes descreve a gruta pela primeira vez (Cena 2) dizendo que a gruta era *rochosa com dupla entrada, sem defesa e privado de alimento.* Mais à frente (Cena 3), descreve a *gruta de côncava entrada* como sendo *abrasadora e gelada* e como única testemunha da sua morte. Na hora da partida o herói despede-se da sua antiga morada (Cena 11) dizendo que esta fora a sua única companhia. Assim sendo, podemos afirmar que o herói vivia enquadrado num cenário que denunciava o primitivismo do seu *modus vivendi*.

A situação extremamente difícil leva Filoctetes a suplicar que o leve consigo e o jovem concorda, mas aproxima-se o Mercador e diz que duas naus estão vindo de Tróia. A primeira, para obrigar Neoptólemo a voltar, e a outra para buscar Filoctetes a qualquer custo. Neoptólemo pede para ver o arco e as flechas de Hércules, e depois ambos entram na caverna (Cena 3). O coro lamenta o imerecido sofrimento de Filoctetes, e admira sua capacidade de sobrevivência (Cena 3).

Ao sair da gruta, Filoctetes sofre uma terrível crise de dor, pede a Neoptólemo que segure as armas de Hércules, e desmaia (Cena 6). O coro pergunta a Neoptólemo se ele aproveitará a ocasião para levar as armas, mas o jovem retruca que segundo a profecia as armas e também Filoctetes são necessários (Cena 6).

Ao acordar, Filoctetes se alegra ao ver o coro, Neoptólemo e as armas à sua espera. Neoptólemo revela o embuste, e o herói implora pelas armas. Ulisses então aparece e avisa que tem de levar as armas e Filoctetes a Tróia, se necessário com o uso da força. Filoctetes recusa-se categoricamente a voltar, e Ulisses decide então levar somente as armas. Neoptólemo pede ao coro que faça companhia a Filoctetes durante os preparativos para a viagem (Cena 7).

Filoctetes dialoga com o coro e lamenta a vã esperança que teve, assim como a perda das armas, e pede uma espada para se matar (Cena 7). Arrependido, Neoptólemo volta para devolver as armas a Filoctetes. Ulisses o segue de longe, avisa que vai atrair a cólera de todos os aqueus, ameaça-o, mas sem resultado.

Quando Ulisses chega à caverna, Filoctetes já recebera suas armas e ameaça flechá-lo; Neoptólemo impede e tenta convencê-lo, mas em vão. Hércules (deus *ex machina*) aparece nesse momento e convence Filoctetes a auxiliar os aqueus com as armas que ele lhe havia dado (Cena 11).

O trágico para Filoctetes não é somente ter sido abandonado em Lemnos. É ter de decidir se permanece na ilha ou ruma a Tróia; se mata ou não Ulisses; se se suicida ou não. A sua única certeza é que não pretende lutar ao lado dos Atridas e de Ulisses.

A fatalidade em Filoctetes é estar no mundo sem ter participado da decisão. A sorte dele, ou não, foi o adivinho Heleno o ter citado como condição *sine qua non* para a destruição de Tróia. Se os Atridas não tivessem acreditado em Heleno, teriam deixado Filoctetes abandonado?

O herói viveu abandonado durante dez anos, arrastando-se penosamente pela ilha em busca do necessário. Tinha por companhia as aves, os animais, a solidão, o eco dos seus lamentos. A vida de sofrimento e de injustiça tornou-o desconfiado.

A injustiça, o egoísmo e a traição sentidos ao longo de dez anos levaram-no a detestar a própria vida e a detestar-se a si próprio. Os homens já não lhe diziam nada, ou pouco lhe diziam.

Este herói, injustamente tratado pelos companheiros, tornou-se homem exaltado pelos deuses, imprescindível à sociedade que o desprezou e que agora o tem de procurar. Procura-o, contudo, por necessidade e não para reparar a injustiça que lhe fizeram.

O herói é acusado de rejeitar a sociedade, mas foi ela quem o rejeitou. Filoctetes apenas exigia que o tratassem como homem e não como coisa. No entanto, era um homem livre e não escravo (Cena 7) e não se submeteu. Quis continuar livre, ser homem; preferiu a morte – que era certa, após lhe haverem roubado o arco a rebaixar-se e a prescindir da liberdade. Resistiu a todas as pressões, escondidas nas belas palavras e nas promessas mais sedutoras, ou acompanhadas das mais cruéis ameaças. Resistir era para ele uma virtude e não concebia que alguém o pudesse obrigar a fazer o que não queria.

Após a guerra de Tróia pouco se sabe do herói. *A Odisseia* refere que o herói chegou bem à sua pátria (canto III, vv.189-190), a partir daí podemos supor que o herói conseguiu chegar são e salvo a casa e que conseguiu alcançar a glória que lhe era devida.

O mito de Filoctetes tem subjacente uma clara função pedagógica. Atualmente, essa mesma função ainda prevalece. Quem lê a tragédia sofocliana consegue retirar uma lição de moral: não devemos abandonar ninguém só porque se encontra incapacitado, pois esse alguém, um dia mais tarde, pode ser precioso. Deste modo, o mito tem como um dos objetivos, por uma forma de olhar, criticar a maneira como a sociedade trata os que estão incapacitados.

Outra maneira de se abordar este mito é através de Neoptólemo. A complexidade da sua personagem está bem patente no desenrolar da ação. Nesta perspectiva são contrapostos dois planos: o da mentira e o da verdade. O jovem terá de escolher qual dos dois seguirá. O herói trágico Filoctetes, tendo sido abandonado pelos atridas e por Ulisses por causa do sofrimento e do odor da sua chaga, ansiava pelo regresso à pátria. Todavia, Ulisses e todos os aqueus aspiravam ao contrário, isto porque também Filoctetes era uma das condições necessárias para a conquista de Tróia, visto possuir as armas de Hércules. As-

sim, Neoptólemo é induzido a enganar Filoctetes por meio da astúcia porque pela persuasão e pela força era impossível. O jovem, recusando de início, afirma que não estava na sua natureza utilizar tais artimanhas. Ulisses, o dos mil estratégias, pretendia que o jovem se apoderasse do arco, tornando-se amigo de Filoctetes e convencendo-o de que o levaria de volta à sua pátria. Neoptólemo, movido por más influências e pelo desejo constante de possuir fama e glória, aceita a ordem e engana Filoctetes. Este chega ao ponto de acreditar vivamente no filho do seu grande amigo e, num momento de sofrimento, por causa da chaga, entrega-lhe as armas. Todavia, a convivência com o sofrimento alheio, a amizade estabelecida entre os dois e a confiança que Filoctetes depositara na sua pessoa, levam Neoptólemo a contar a verdade. O jovem sofre uma valiosa transformação deixando de ser um herói do tempo antigo que visava fazer o bem ao amigo e o mal ao inimigo para se transformar num herói cuja justiça é um bem valioso e que por esse motivo deve ser posta em prática. O jovem guerreiro ainda tenta uma derradeira tentativa para levar Filoctetes para Tróia, desta vez pela persuasão, mas não consegue sendo mesmo necessária a intervenção do deus *ex machina* para conseguir levá-lo.

A personagem de Neoptólemo é muito importante nesta tragédia porque trata da questão da transmissão de virtude, em voga na época clássica. Será que o ser humano deve o seu comportamento à herança recebida dos antepassados ou à educação que eventualmente recebeu? Na época clássica, no campo da educação, o assunto conheceu diferentes métodos de análise, principalmente por parte dos sofistas. Alguns autores conservavam o pensamento tradicional de que a natureza humana era fruto da linhagem dos antepassados, mas outros, como, por exemplo, Antifonte, afirmavam que a educação era a primeira de todas as coisas humanas.

Neoptólemo, ao aceder aos argumentos ilusórios de Ulisses, não se comportou de acordo com a nobreza da sua natureza, mas a convivência com o sofrimento humano, a amizade mútua e a confiança conduzem o jovem a ter um comportamento puro e autêntico. Neste herói estão presentes os dois aspectos que os sofistas, defensores do ensino da virtude, consideravam indispensáveis para o bom desenvolvimento da conduta humana: a natureza e a educação. Embora as qualidades naturais, herdadas do pai, tenham sido relevantes para reconduzi-lo ao caminho da virtude, o fato é que o sofrimento e a convivência com Filoctetes tiveram um contributo deveras importante para o desfecho da ação. A natureza de Neoptólemo poderia ter sido desviada definitivamente se a influência de Ulisses se tivesse prolongado mais tempo. Assim podemos deduzir que a natureza do filho de Aquiles, repleta de princípios louváveis, foi aperfeiçoada por meio da convivência e pela noção do conceito de justiça que Filoctetes lhe propiciou.

Neoptólemo, não sendo um dos heróis fundamentais do ciclo troiano, deu o seu contributo para a guerra de Tróia e, apesar de ser por vezes mais conhecido

como filho de Aquiles, a verdade é que possuía as qualidades necessárias de um herói, dando continuidade, de forma positiva, ao nome do pai.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de exposição do arrazoado de Paul Ricoeur, especialmente, é fácil perceber o ensino ético transferido pela narrativa. Por seu intermédio pode-se ver a ação de qualquer um; ações passadas, presentes e futuras são revividas, praticadas e antecipadas pelo mito. Há duas correntes de pensamento pedagógico em confluência: uma que considera o agir ético resultado da natureza, da hereditariedade; e outra que admite o aprendizado independentemente do berço. Não há necessidade de apego a uma em detrimento da outra. Mas, pela narrativa fica cristalizado o modelo do agir segundo a virtude da justiça em Neoptólemo. Quem ouve mito jamais esquece ficando muito mais fortalecida e inspirada a vontade para a prática. Essa prerrogativa é que foi perdida pela razão instrumental e agora recuperada no pensamento de Ricoeur.

BIBLIOGRAFIA

- Benjamin,W. (2012). *Obras Escolhidas, vol I*. São Paulo, Brasiliense, 2012.
- Duch, L. (1998), *Mito, interpretación y cultura*, Barcelona, Herder, 1998
- Gadamer, H.G. (1997), *Mito y razón*, trad., Barcelona, Paidós, 1997
- Mardones, J. M. (2005), *O retorno do mito*, trad. Coimbra, Almedina, 2005.
- Portocarrero, M. L. (2005), *Filosofia do mito*. Universidade de Coimbra,.
- Ricoeur,P. (1960) *Philosophie de la volonté. Finitude et culpabilité. La symbolique du mal*, Paris, Aubier,.
- Ricoeur, P. (1983), *Temps et récit*, I, Paris, Seuil,.
- Sófocles, Filoctetes. Trad. Prof Frederico Lourenço, Coimbra, Cotovia, 2006.